

**Priscila Muniz de
Medeiros**

Doutora em Comunica-
ção pela Universidade
Federal de Pernambuco
(UFPE).

Professora adjunta da
Universidade Federal de
Alagoas (UFAL).

**Tempo e espaço nas formações
discursivas presentes
em três documentários sobre
a questão agrária**

**Time and space in the discursive
formations within three
documentaries on the
agrarian issue**

**Tiempo y espacio en las
formaciones discursivas presentes
en tres documentales sobre la
cuestión agraria**

RESUMO

O presente artigo analisa as construções espaço-temporais presentes nos textos de três documentários que abordam a questão agrária contemporânea, sendo eles *O mundo segundo a Monsanto*, *Soluções locais para uma desordem global* e *O veneno está na mesa*. A abordagem tem como centro o conceito de formações discursivas (FDs) desenvolvido por Foucault. Inicialmente, é traçado um breve histórico da chamada revolução verde e é mostrada a oposição que se criou entre os discursos que sustentam as práticas trazidas por ela e aqueles que a rechaçam. A partir de uma análise do léxico dos documentários analisados, percebe-se que os três filmes se alinham discursivamente e que criam uma oposição entre inovação e tradição, oposição essa que é fundamental no desenvolvimento teórico do artigo. A partir disso, são distinguidas duas formações discursivas distintas: a primeira, combatida pelo discurso dos documentários, é uma FD ligada a uma ideologia do progresso. A segunda é uma FD que permite o contraponto aos discursos do progresso através, principalmente, da validação do conhecimento tradicional. Palavras-Chave: Formações discursivas; Tempo; Espaço; Revolução verde; agroecologia.

ABSTRACT

This paper analyses discursively time and space constructions within the texts of three documentaries that address the contemporary agrarian issue, which are *The world according to Monsanto*, *Think global, act local* and *The poison is on the table*. The approach has as a central concept the foucauldian idea of discursive formations. Initially, a brief history of the so called green revolution is presented, showing the opposition created between the discourses that support its practices and those that rebel it. Through a lexical analysis of the documentaries' texts, we could observe that the three films have a discursive alignment. From that verification, two different discursive formations are identified: the first one, rejected by the documentaries discourse, is linked to an ideology of progress. The second one allows a counterpoint to the progress discourse mainly through the validation of traditional knowledge.

Keywords: Discursive formations; Time; Space; Green revolution; agroecology.

RESUMEN

Este artículo analiza las construcciones espaciotemporales presentes en los textos de tres documentales que abordan la cuestión agraria contemporánea, a saber: *El mundo según Monsanto*, *Soluciones locales al desorden global* y *El veneno está sobre la mesa*. El enfoque se centra en el concepto de formaciones discursivas (FDS), desarrollado por Foucault. Inicialmente, se traza una breve historia de la llamada revolución verde y se muestra la oposición que se estableció entre los discursos que sostienen las prácticas introducidas por ella y aquellos que las rechazan. A partir de un análisis del léxico de los documentales analizados, se observa que las tres películas se alinean discursivamente y crean una oposición entre innovación y tradición, oposición que es esencial en el desarrollo teórico del artículo. A partir de esto, dos formaciones discursivas distintas se distinguen: la primera, contestada por el discurso de los documentales, es una FD conectada a una ideología del progreso. La segunda es una FD que permite el contrapunto al discurso del progreso sobre todo a través de la validación de los conocimientos tradicionales. Palabras-clave: formaciones discursivas; Tiempo; Espacio; Revolución verde; agroecología.

Submissão: 2-3-2015

Decisão editorial: 3-7-2017

As diferentes compreensões de tempo e espaço

Apesar de se tratarem de categorias universais do pensamento humano, as noções de tempo e espaço são resultado de construções históricas e culturais, ou seja, elas sofrem interferência de diferentes épocas e contextos. Isso significa que cada sociedade pensa o tempo e o espaço à sua maneira, de acordo com sua cultura e história específicas. Mais que isso, é possível dizer que diferentes compreensões espaço-temporais podem disputar aceitação dentro de uma mesma cultura e num mesmo período.

O entendimento do tempo e do espaço enquanto categorias construídas socialmente é um importante postulado do pensamento de Émile Durkheim (2000), que percebe tais categorias como instrumentos fundamentais para a formação do conhecimento humano. Por estarem na base da formação do conhecimento, as diferentes compreensões de tempo e espaço são capazes de influenciar as formas como as sociedades percebem o mundo e atuam sobre ele em diferentes assuntos. A pesquisa em questão foca na questão ambiental. Uma sociedade que entende o espaço do homem e o da natureza como separados um do outro, por exemplo, certamente atuará sobre o seu meio de forma distinta de uma outra sociedade

que conceba homem e natureza como elementos de um mesmo espaço. Da mesma forma, a compreensão do tempo na perspectiva linear do progresso implica em diferentes formas de atuar sobre o planeta em relação, por exemplo, à compreensão do tempo em sua dimensão cíclica.

A partir disso, o artigo trabalha com a hipótese de que as diferentes compreensões de espaço e tempo estão no âmago do debate ambiental contemporâneo. Especificamente, o trabalho abordará os discursos ligados à questão agrária. A relação entre tais discursos e as compreensões de espaço e tempo serão abordadas a partir do conceito de formações discursivas (FDs). Devido às diferentes formulações e reformulações no conceito, a sua definição não é precisa, tampouco consensual, o que faz com que diferentes autores utilizem a ideia de FDs de formas diferentes.

Tal noção surgiu pela primeira vez na *Arqueologia do saber*, de Michel Foucault (2008). De acordo com a formulação de Foucault, os discursos são uma dispersão, pois, *a priori*, eles não se ligam e não se compõem em uma figura única. Através da descrição dessa dispersão, seria possível pesquisar se entre os seus elementos pode-se detectar certa regularidade, “uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações em sua simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas” (FOUCAULT, 2008, p. 42). Sempre que se possa detectar essa regularidade em meio à dispersão discursiva, existe, segundo Foucault, uma formação discursiva (FD). Com a noção de FD, Foucault pretendeu, então, “designar conjuntos de enunciados que podem ser associados a um mesmo sistema de regras historicamente determinadas” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 241).

O conceito de FD entra na análise de discurso francófona a partir de sua apropriação por Michel Pêcheux (1995??), que o insere em uma perspectiva teórica marxista althusseriana. Em Pêcheux, o conceito de FD é embebido no materialismo histórico, passando a ser associado a noções como ideologia e luta de classes, que estavam ausentes da formulação original de Foucault. Pêcheux define formação discursiva como “aquilo que, em uma conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)” (PÊCHEUX, 1995, p.160).

Mais tarde, para evitar um uso do conceito de FD que isolasse cada FD como um espaço autônomo em relação às outras FDs, o próprio Michel Pêcheux e, posteriormente, Jean-Jacques Courtine destacaram a dependência das FDs em relação ao interdiscurso (GREGOLIN, 2005),

...o que significa que os sentidos, no interior das FDs, estão sob a dependência do interdiscurso. Em outras palavras, o interdiscurso é o lugar em que se constituem, para um sujeito que produz uma sequência discursiva dominada por uma FD determinada, os objetos de que esse enunciador se apropria para fazer deles objetos de seu discurso, assim como as articulações entre esses objetos, por meio das quais o sujeito enunciador dará coerência a seu propósito no interior do intra-discurso, da sequência discursiva que ele enuncia (GREGOLIN, 2005, p. 4).

A dupla origem do conceito de Formação Discursiva fez com que ele conservasse uma grande instabilidade, sendo usado de forma plástica para

designar todo grupo de enunciados “sócio-historicamente circunscritos que pode relacionar-se a uma identidade enunciativa: o discurso comunista, o conjunto de discursos proferidos por uma administração, os enunciados que decorrem de uma ciência dada, o discurso dos patrões, dos camponeses, etc.” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 243). Para Charaudeau e Maingueneau, tal plasticidade empobrece a noção.

Em *Discours et analyse du discours*, Maingueneau (2014) divide as categorizações utilizadas pelos analistas do discurso em unidades tópicas e não tópicas. Enquanto as unidades tópicas são de alguma forma dadas, são previamente recortadas pelas práticas sociais, as unidades não tópicas são construídas pelo pesquisador. Gêneros e tipos de discurso (como administrativo, publicitário, etc.) seriam unidades tópicas, assim como agrupamentos por fonte (discursos oriundos de determinados atores sociais). Já as formações discursivas fariam parte das unidades não tópicas, construídas pelo pesquisador de acordo com o objetivo da sua pesquisa.

Pensando o *corpus* da nossa pesquisa, trabalhamos, por um lado, com unidades tópicas, já que o *corpus* se constitui especificamente de textos pertencentes a um gênero do discurso específico (o gênero documentário). Por outro lado, o foco central do artigo é a caracterização das unidades não tópicas, construídas a partir da análise discursiva.

A revolução verde e a agroecologia

Um novo modelo agrícola começou a surgir com o fim da segunda guerra mundial, graças a uma transformação que ficou conhecida como “revolu-

ção verde". Ela promoveu a utilização de inovações tecnológicas no campo, disseminadas sob o argumento de promover o aumento da produtividade de alimentos. Não tardou para que o modelo proposto pela revolução verde se espalhasse pelos campos do mundo inteiro, tornando-se o modelo dominante, favorecendo as monoculturas e difundindo o uso de maquinários pesados, agrotóxicos e fertilizantes químicos. As mudanças no sistema de produção agrícola se intensificaram nos anos 90, graças ao que ficou conhecido por alguns como a "segunda revolução verde", levada a cabo com a introdução dos Organismos Geneticamente Modificados (transgênicos). Todas essas mudanças alteraram não apenas as técnicas produtivas no campo, mas, também as suas relações sociais e econômicas.

O modelo da revolução verde, com seu ideal de aumento da produção agrícola, não demorou a ser contestado por diferentes segmentos sociais. Dentre as críticas direcionadas a ele, Moreira (2000) distingue a crítica da técnica, a crítica social e a crítica econômica. Na primeira, observa-se, por exemplo, que as práticas agrícolas dominantes, com o uso de químicos e, por vezes, de sementes transgênicas, vem provocando a poluição e o envenenamento dos recursos naturais e dos alimentos, a perda da biodiversidade, a destruição dos solos e o assoreamento dos rios. Já a crítica social aponta para o fato de o modelo agrário da revolução verde, baseado em latifúndios e maquinário pesado, gerar "empobrecimento, desemprego, favelização dos trabalhadores rurais, êxodo rural urbano, esvaziamento do campo, sobreexploração da força de trabalho rural, incluindo o trabalho feminino, infantil e da terceira idade"

(MOREIRA, 2000). Por último, há a crítica econômica, que destaca o processo de elevação de custos do pacote tecnológico da revolução verde. Para Leff (2009, p.33), a tecnoestrutura agrícola trazida para os países do Sul “degradou a capacidade produtiva dos ecossistemas tropicais e a riqueza potencial de suas populações”. O processo desencadeado pela Revolução verde criou, então “uma crescente incapacidade das áreas rurais para criar empregos produtivos para seus habitantes, gerando grandes correntes migratórias para cidades, com altos índices de insalubridade e miséria” (LEFF, 2009, p. 34).

Como forma de resistência e oposição ao modelo da revolução verde, surgiu o movimento agroecológico, que vem ganhando espaço nos discursos e práticas de movimentos sociais, camponeses e acadêmicos. De uma forma geral, o modelo agroecológico busca uma reconfiguração das relações no campo, para que as mesmas sejam socialmente justas, economicamente viáveis e ecologicamente sustentáveis. Ou seja, trata-se de um campo do saber que pretende construir “uma agricultura menos agressiva ao meio ambiente, que promove a inclusão social e proporciona melhores condições econômicas para os agricultores” (CAPORAL; COSTABEBER, 2002). A agroecologia, então, prioriza a agricultura familiar em relação à produção em latifúndios e rejeita a tecnologia que polui solos e rios, envenena os alimentos, ameaça a biodiversidade e degrada a futura capacidade produtiva da terra.

Um olhar sobre o corpus

O artigo analisará três documentários que tratam da questão agrária atual: *O mundo segundo a*

Monsanto (2007), *Soluções locais para uma desordem global* (2010) e *O veneno está na mesa* (2012). O mundo segundo a Monsanto é uma produção trina-cional (França, Canadá e Alemanha) dirigida pela jornalista Marie-Monique Robin. O filme pretende explicitar as mazelas sociais e ambientais trazidas por inovações como agrotóxicos e produtos transgênicos, focando especialmente na atuação da Monsanto, empresa que detém a liderança mundial na produção desses insumos. Já o documentário francês *Soluções locais para uma desordem global*, dirigido por Coline Serreau, trabalha tanto com a crítica ao modelo da revolução verde quanto com a apresentação de alternativas locais de resistência ao paradigma dominante. Por último, o brasileiro *O veneno está na mesa*, de Silvio Tendler, traz a discussão para a realidade brasileira, dando um destaque especial ao mal que os agrotóxicos fazem à saúde humana e ao meio ambiente.

Os três filmes foram estudados a partir de uma análise verbal que observou o uso do léxico e os módulos argumentativos. Ou seja, dentro da metodologia proposta, não foram analisados os discursos imagéticos.

Bill Nichols (2005) explica que um filme pertencente ao gênero documentário não reproduz uma realidade, tratando-se de uma representação do mundo em que vivemos. O que os documentários fazem é representar “de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Expressam a nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser” (NICHOLS, 2005, p. 26-27). Para o autor, o que une o conjunto de tomadas e cenas de um documentário é “uma retórica organizada

em torno de uma lógica ou argumento que lhe dá direção" (NICHOLS, 2005, p.56). Apesar de o documentário estar associado a uma ideia de realidade, é importante perceber que a realidade construída pelo cineasta parte de um ponto de vista entre vários outros possíveis.

A crença é encorajada nos documentários, já que eles frequentemente visam exercer um impacto no mundo histórico e, para isso, precisam nos persuadir ou convencer de que um ponto de vista é preferível a outros. (...) Do documentário, não tiramos apenas prazer, mas também uma direção (NICHOLS, 2005, p. 27).

Tendo isso em mente, destacamos que os três documentários analisados nesse trabalho assumem uma posição crítica em relação ao modelo agrário dominante, adotando a perspectiva discursiva do campo da agroecologia. No discurso dos documentários em questão, é possível verificar uma "heterogeneidade constitutiva", que aparece quando o discurso é dominado pelo interdiscurso, ou seja, quando "o discurso não é somente um espaço do qual viria introduzir-se, do exterior, o discurso do outro; ele se constitui através de um debate com a alteridade, independente de qualquer traço visível de citação, alusão, etc." (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 261). A heterogeneidade constitutiva "amarra, em uma relação inextricável, o Mesmo do discurso e seu Outro" (MAINGUENEAU, 1984, p.31). Então, para entender as FDs que estão por trás das compreensões do espaço-tempo do meio ambiente presentes nos documentários, é necessário, inicialmente, separarmos D1 (o discurso da agroecologia) de D2 (o discurso da revolução verde). O que temos nos filmes estu-

dados é um discurso D1 e um discurso de D1 sobre D2 (um discurso da agroecologia sobre a revolução verde), o que significa que D2 só aparece traduzido por D1. Uma vez que D1 e D2 se relacionam de forma polêmica (recusando-se simultaneamente, mas "subordinando-se a seu próprio registro negativo, de maneira a melhor reafirmar a validade de seu registro positivo" MAINGUENEAU, 1984, p.113), os documentários inserem D2 (o discurso da revolução verde, que é o seu Outro) já "anulado enquanto tal, simulacro" (MAINGUENEAU, 1984, p. 113) Mesmo nos momentos em que os documentários inserem falas de defensores de D2, é importante lembrar que tais falas são recortes que funcionam como forma de "introduzir o Outro em seu recinto para melhor conjurar sua ameaça" (MAINGUENEAU, 1984, p. 113).

Buscaremos entender como operam os discursos que formatam as diferentes formações discursivas que se enfrentam no que diz respeito à questão agrária, focando especificamente nas compreensões de espaço e tempo. Observaremos tais discursos a partir de dois campos discursivos distintos: o da revolução verde e o da agroecologia. Como detalharemos mais adiante, no *corpus* desse trabalho, a distinção discursiva se desenha a partir da perspectiva do discurso agroecológico, uma vez que os três documentários se afiliam a esse campo. No entanto, o discurso do outro aparece fortemente na forma de interdiscurso. A análise em questão se dará em duas etapas: uma análise do léxico dos textos dos documentários e uma análise de módulos argumentativos que são comparilhados pelos três filmes.

Para a primeira etapa, o procedimento lógico adotado é a seleção de trechos dos três documen-

tários que, de alguma forma, aludem a relações de espaço e tempo. Inicialmente, a partir de uma análise do léxico dos trechos estudados, chega-se à seguinte relação de palavras e expressões.

Tabela 1. Palavras e expressões ligadas a espaço e tempo que aparecem nos textos analisados.

D2 (por D1) - O discurso da revolução verde (segundo a agroecologia)	D1 – O discurso da agroecologia
Progresso	Herança
Religião do progresso	Acúmulo de conhecimento
Progresso técnico	Conhecimento das avós
Marchar em frente	Sabedoria antiga
Modelo Novo	Saber popular
Novidade	Conhecimentos antigos
Novo	Agricultura milenar
Inovação	Agricultura tradicional
Modernização	Ancestrais
Produtividade	Milhões de anos
Economia de tempo e dinheiro	Tempos distantes
Divórcio (homem-natureza)	Tradições
Desrespeito à natureza	Retornar
Dominação da natureza	Recuperar
Internacional	Voltar
Multinacional	Respeitar a natureza
	Direitos do homem e da natureza como uma coisa só
	Local

Vale salientar que essa lista traz unicamente as palavras e expressões ligadas às questões espaço-temporais pensadas como problemática do artigo. Se estivéssemos trabalhando sem essa restrição, várias outras palavras e expressões fariam parte do quadro.

Além disso, destacamos que as palavras obtidas na coluna D2 (por D1) foram tiradas tanto de falas de defensores de D2 quanto de falas de defensores de D1, referindo-se a D2 (maior parte dos casos).

Ao analisar as palavras do quadro apresentado, é possível verificar, na dimensão temporal, uma *oposição entre inovação e tradição*. Também se observa que, na dimensão temporal, o discurso D2 (por D1) trabalha com ideias ligadas à economia capitalista: produtividade e economia de tempo e dinheiro. Já na dimensão espacial, duas oposições aparecem claramente: *entre o internacional/multinacional e o local* e *entre o espaço do homem como separado do espaço natural e o espaço do homem e o espaço natural como um só*.

As ideias desenhadas no discurso dos documentários (D1) seguem um caminho que pode ser demonstrado através de alguns dos enunciados estudados. Dividimos tal percurso em cinco módulos argumentativos, que criam uma linha argumentativa coerente. Com exceção do último, todos os módulos argumentativos são compartilhados por, ao menos, dois dos documentários estudados.

1. Criou-se um modelo novo baseado numa noção de progresso científico

“O que eu descobri nos primeiros anos em que estive envolvido na regulamentação da biotecnologia é que havia um sentimento geral no agronegócio e dentro do nosso governo dos Estados Unidos de que se você não estivesse marchando inflexivelmente em frente a favor da aprovação rápida de produtos biotecnológicos, da aprovação rápida do cultivo de transgênicos, então de alguma forma você seria anti-

ciência e antiprogresso" (Dam Glickman, ministro da agricultura de Bill Clinton entre 1995 e 2000 em "O Mundo segundo a Monsanto").

"A primeira vez que ouvi falar de Roundup Ready foi numa revista agrícola, há 8 anos, e parecia ser uma inovação muito interessante. A soja possui uma proteína inserida geneticamente na planta e que a faz resistente ao Roundup. O Roundup é pulverizado na planta e isso traz vantagens indiscutíveis" (John Hoffman, vice-presidente da associação americana de soja, em "O Mundo segundo a Monsanto").

2. Esse modelo novo provou que não é um modelo bom

"O que a revolução verde fez foi destruir, apagar, esquecer toda a herança, todo o acúmulo de conhecimento da agricultura tradicional ao longo dos seus 10 mil anos, e criou-se um negócio totalmente novo. E essa novidade, depois de 50 anos existindo, tá mostrando que ela não dá certo. O que ela está produzindo? Ela está produzindo perda da fertilidade dos solos, perda dos mananciais, perda da biodiversidade, contaminação dos solos, das águas e das pessoas, contaminação do ar, mudanças climáticas. O que mais nós vamos esperar acontecer pra gente perceber que esse modelo novo não é um modelo bom" (Fernando Ataliba, agricultor em "O veneno está na mesa").

"Eles se transformaram em espoliadores da natureza. Eles sugam da natureza tudo o que podem para obter seu lucro. Sugam a água, sugam o solo e aplicam as técnicas produtivistas da indústria, cuja matriz principal é apenas vender insumos industriais

para os agricultores, como os fertilizantes químicos, os venenos, as máquinas cada vez maiores que precisam de menos mão de obra. Este modelo da Revolução Verde, do capitalismo industrial aplicado à agricultura não tem futuro" (João Pedro Stedile, coordenador do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, em "Soluções locais para uma desordem global").

3. O modelo novo não é bom porque ele separa o homem da natureza

"Um exemplo, acho que o mais revelador de todos, o mais indiscutível de todos a propósito desse divórcio entre os direitos da natureza e os direitos humanos, é o que acontece com os agrotóxicos, que estão sendo permitidos, esses venenos contra a natureza estão sendo permitidos em países que têm governos progressistas em nome da produtividade, ou seja, em nome de um critério economicista de o que é o progresso humano" (Eduardo Galeano, jornalista e escritor em "O veneno está na mesa").

"A agronomia moderna trata de uma maneira obsessiva de eliminar todas as funções naturais e livres do ecossistema e substituí-las por produtos petroquímicos caros e poluidores, da indústria pesada, em resumo, pelo que é chamado de progresso técnico" (Philippe Debrosses, agricultor e doutor em ciências ambientais em "Soluções locais para uma desordem global").

4. Por não ser um modelo bom, precisamos retornar ao que existia antes dele

"Tudo isso deve ser rejeitado como uma aberração do século passado. Devemos começar este século reencontrando a sabedoria antiga que nos

ensinava como viver com a terra" (Vandana Shiva , física e ativista em "Soluções locais para uma desordem global").

"Nós descobrimos que a humanidade só chegou onde estamos porque ao longo desses milhões de anos os camponeses sempre desenvolveram conhecimento dessas técnicas de produzir respeitando a natureza. Então agora nós precisamos recuperar esse saber popular para recuperar uma agricultura milenar que respeite o meio ambiente" (João Pedro Stedile, Coordenador do MST em "Soluções locais para uma desordem global").

"Eu me lembrei lá de trás, né, do tempo lá do meu pai, que tinha sementes crioulas. Por que que não pode hoje tentar fazer isso também?" (Adonai Taques Soares dos Santos, agricultor, em "O veneno está na mesa").

"O que nós queremos é o conhecimento de nossas avós, que conheciam todas as plantas, todas as virtudes e propriedades. É por isso que abri em nossa granja uma universidade de avós, para manter vivos esses conhecimentos e tradições" (Vandana Shiva, física e ativista, em "Soluções locais para uma desordem global").

5. Retornar não significa voltar ao tempo das cavernas.

"Nós estamos dizendo às pessoas: vejam, tenham suas próprias sementes e vocês controlarão toda a cadeia alimentar. Então, vocês voltam à agricultura que existia neste país. Isso não significa que eu estou

levando vocês de volta à idade das cavernas. Mas ao menos eu faço uma coisa, eu impeço que vocês se suicidem. Com certeza" (Devinder Sharma, engenheiro agrônomo, jornalista, escritor em "Soluções locais para uma desordem global").

"Retornando a uma pegada ecológica sustentável na França, vamos retornar aos anos 1960. Não era a Idade da Pedra. O que consumimos agora não é mais produzido da mesma forma. As roupas que vestimos hoje viajam 30.000 quilômetros. Nos anos 1960, as fábricas de tecidos estavam no norte da França. A situação é absurda. Os camarões dinamarqueses são limpos no Marrocos enviados de volta à Dinamarca para serem empacotados e reexportados. É preciso parar ou reduzir o comércio internacional. Permanecemos locais, o comércio deve ser local" (Serge Latouche, economista e professor universitário em "Soluções locais para uma desordem global").

Apesar de serem filmes distintos, os três documentários abordam uma mesma temática sob pontos de vista semelhantes. De uma forma geral, o argumento central que se apreende deles é o de que a revolução verde trouxe algo novo, que se legitima através de um discurso do *progresso*, um discurso quase religioso. No entanto, esse novo mostrou que "*não dá certo*", "*não tem futuro*", "*é uma aberração do século passado*", graças aos problemas sociais e ambientais que ele trouxe. Essa novidade, baseada na ideia de *dominação da natureza*, provoca o *divórcio* entre o homem e a natureza. Por isso, é importante *recuperar* um conhecimento *tradicional*, uma *agricultura milenar*, sabedoria antiga, que religue o homem à natureza. Voltar, no entanto, não significa voltar ao *tempo das cavernas* ou à *idade da pedra*.

O discurso dos documentários coloca o tradicional como algo bom e desejável, enquanto o novo é visto como um erro, algo a ser combatido. Ao mesmo tempo, ele defende que o novo não respeita a natureza, enquanto o antigo sim. Dizer que “voltar não significa voltar ao tempo das cavernas” é uma forte marca do interdiscurso presente na argumentação; é uma defesa a um provável argumento usado pelo outro para desqualificar o discurso da volta. Isso ocorre porque “a controvérsia se desdobra em dois terrenos ao mesmo tempo. Cada discurso deve simultaneamente responder aos golpes que recebe e dar golpes” (MAINGUENEAU, 1984, p. 110-11). Ou seja: a polêmica aparece não só em negar as premissas do outro, mas também na negação do ataque que o outro faz a si.

Depois de desenhado o discurso D1 (discurso da agroecologia) sobre a questão agrária, passamos às formações discursivas por trás das compreensões espaço-temporais em D1 (discurso da agroecologia) e D2 (discurso da revolução verde). Entendemos que FD2 é uma formação discursiva ligada a uma ideologia do progresso. No que diz respeito à compreensão temporal, a visão permeada por FD2 carrega a ideia de que o passar do tempo, ligado a um acúmulo de conhecimento, traz consigo a realização do progresso humano, tido como um processo inexorável. “O progresso pode ser definido como um processo cumulativo no qual o estágio mais recente é sempre considerado preferível e melhor, ou seja, qualitativamente superior, ao que precedeu-o” (BENOIST, 2011). Tal entendimento, construído historicamente e amplificado pelo iluminismo, pressupõe uma visão linear e otimista da história, que é encarada como uma

sucessão inevitável de fatos que convergem para a plena realização das capacidades humanas.

Essa noção tem algumas implicações: ela tende, por exemplo, a respaldar a crença de que a técnica humana sempre resolverá nossos problemas, incluindo a própria crise ambiental. Além disso, ela tende a fazer pensar o futuro como expansão do modelo de vida do presente, desconsiderando a possibilidade de abandonarem-se práticas encaradas como "conquistas", mesmo que elas tenham efeitos negativos, uma vez que tais efeitos, de acordo com essa visão, deverão ser mitigados através do aperfeiçoamento da técnica humana. Na mesma linha, a noção de espaço tem a ver com a percepção da natureza como espaço separado do espaço do ser humano. A natureza seria, então, simplesmente o espaço de realização da ação humana (SOUZA, 2005). Essa noção está associada ao fato de as sociedades modernas terem se formado "*contra* a natureza, determinadas a explorá-la e transformá-la pela violência" (MOSCOVICI, 2007, p. 32). Existe, aqui, uma relação de interdependência com a noção de tempo enquanto agente do inevitável progresso humano. O espaço da ação humana em oposição ao espaço natural gerou a sensação de que "a cultura é da ordem do presente e do futuro; a natureza do passado" (MOSCOVICI, 2007, p. 21).

De acordo com Benoist (2011), os teóricos do progresso, apesar de algumas divergências, concordam em três ideias fundamentais:

- (1) uma concepção linear do tempo e a ideia de que a história possui um sentido, orientado para o futuro;
- (2) a ideia de uma unidade fundamental da humanidade, toda ela chamada a evoluir na mesma direção

junta; e (3) a ideia de que o mundo pode e deve ser transformado, o que implica que o homem afirma-se como mestre soberano da natureza.

É importante salientar que chegamos a uma ideia de FD2 a partir da interdiscursividade presente nos documentários, e não de enunciados e textos ligados diretamente à agricultura industrial. Ou seja, nada garante que o discurso da indústria agrícola, atualmente, se assemelhe à ideia que o discurso da agroecologia tem dele. No entanto, podemos perceber que o que estamos chamando de FD2 tem um forte vínculo com uma memória discursiva ligada à construção de uma ideologia do progresso. Tal memória discursiva criou as condições de possibilidade para a circulação e aceitação de tais discursos.

Inicialmente, apontamos o domínio religioso. Na cultura judaico-cristã, o homem é compreendido como senhor da natureza, não como parte dela. No livro de Gêneses, por exemplo, uma passagem diz que "Deus os abençoou (os seres humanos) e lhes disse: 'Sejam férteis e multipliquem-se! Enchem e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra'". Além disso, segundo a crença cristã, a história tem um ponto final específico. "Com a Bíblia, a história torna-se um fenômeno objetivamente cognoscível, uma dinâmica de progresso que caminha, do ponto de vista messiânico, na direção do advento de um mundo melhor" (BENOIST, 2011).

O domínio científico também tem forte ligação com a memória discursiva associada a FD2. Com o advento da modernidade, a ciência passa a liderar a crença de que o passar do tempo nos estaria levando sempre na direção de um estágio melhor do

que o anterior. “O projeto moderno do Iluminismo vê a história como uma marcha do Espírito Universal em direção à Liberdade” (BARROS, 2010, p. 193). Francis Bacon afirmou que a natureza deveria ser “acossada em seus descaminhos, reduzida à obediência e, que o objetivo do cientista era extrair da natureza, sob tortura, todos os seus segredos” (CAPRA, 1982, p.52). O paradigma newtoniano-cartesiano fez surgir uma racionalidade instrumental que criou uma compreensão do mundo natural a partir de uma perspectiva utilitarista. Todos esses postulados estão fortemente associados à separação homem/natureza.

Por fim, temos o domínio do capitalismo. O modelo capitalista de produção percebe a natureza enquanto fonte de insumos para a geração de valor econômico, ou seja, a natureza do capitalismo é uma natureza instrumental. É por isso que na economia capitalista clássica, danos ambientais não são contabilizados enquanto custos de uma determinada atividade, tratando-se apenas de externalidades do processo econômico. Levando em conta que a visão de mundo baseada nos diferentes domínios de uma memória discursiva apresentada possuem uma enorme interferência no nosso modelo civilizatório atual, podemos supor que FD2 está na ordem do discurso enquanto hegemonia, ainda que, hoje, a ideologia do progresso não seja uma unanimidade e venha sendo cada vez mais contestada.

Depois de definirmos FD2 enquanto uma formação discursiva ligada à ideologia do progresso, cabe tentar entender FD1, a formação discursiva por trás de discursos que se opõem à noção de progresso. Em que consiste essa formação discursiva que permeia certos discursos ligados à agroecologia que apelam

para noções ligadas à tradição e a uma conjunção homem/natureza?

Se formos buscar domínios de uma memória discursiva ligados a tais discursos, uma pista inicial viria também do campo religioso. Não de uma cultura judaico-cristã, mas sim de religiões animistas de muitos povos indígenas que veem cultura na natureza e natureza na cultura (DIEGUES, 2000). Tal relação explica, por exemplo, a forte presença dos povos indígenas no discurso agroecológico como um todo, ainda que não tenhamos explorado tal presença neste trabalho.

A forte crítica a elementos centrais do modo de produção capitalista também evidenciam certa ligação com o domínio discursivo da tradição socialista, ainda que o marxismo clássico não tenha colocado a natureza como foco de preocupação teórica, cabendo a autores mais recentes o papel de pensar um “ecossocialismo”.

Por fim, temos o surgimento de movimentos científicos que se contrapõem ao paradigma newtoniano-cartesiano, como a teoria da complexidade. A partir desses movimentos o cientificismo passa a ser questionado, a ciência tradicional passa a ser vista como mais uma (e não a única) forma válida de conhecimento, e o conhecimento tradicional ganha importância dentro do pensamento complexo.

Então, se FD2 é uma formação discursiva ligada a uma *ideologia do progresso*, constituída por domínios de uma memória discursiva que perpassam a religião judaico-cristã, o desenvolvimento do paradigma científico newtoniano-cartesiano e o advento da sociedade capitalista, FD1 é uma formação discursiva que possibilita discursos que se contraponham aos discursos do progresso através, principalmente, da

validação do *conhecimento tradicional*. A memória discursiva associada a ela traz elementos de religiões animistas, de um novo paradigma científico ligado à teoria da complexidade e da tradição socialista (tanto na sua forma clássica quanto na reformulação ecossocialista).

Elementos para reflexão

O artigo em questão trabalhou com a construção do discurso de documentários que, em comum, apresentam uma retórica de negação do modelo da revolução verde e defesa de preceitos ligados ao modelo agroecológico. Os documentários atuam numa relação de polêmica com discursos pertencentes a uma formação discursiva aqui nomeada FD2 (de onde parte o discurso da revolução verde), ao mesmo tempo em que propagam discursos ligados a uma formação discursiva FD1 (de onde parte o discurso agroecológico). Um achado importante foi o fato de a oposição entre os dois modelos ser construída a partir de conjuntos léxicos que confrontam o novo com o antigo, sendo o primeiro algo a ser combatido, enquanto o segundo deve ser retomado.

Acreditamos que essa oposição desenhada no discurso dos documentários deve ser encarada com certo nível de cuidado. Pensamos que a ideia de progresso enquanto algo inexorável, inquestionável e quase religioso deve sim ser combatida a fim que se afirme a imprevisibilidade da história. No entanto, a negação de um novo específico não pode ser confundida com a negação de qualquer novo. O discurso dos documentários, da forma como é construído, pode fomentar por vezes uma posição *essencialista* em relação à tecnologia moderna. Se, em alguns

momentos, fica claro que o “novo indesejado” é o novo da revolução verde, o novo acrítico da ideologia do progresso, o novo que “marcha inflexivelmente em frente” sem questionar o rumo da marcha, em outros momentos o discurso deixa transparecer uma relação mais generalista e taxativa em que o novo é visto como ruim e o antigo é exaltado como bom.

Uma proposta interessante é a de um discurso que nem encare o novo como algo necessariamente bom simplesmente por ser novo, tampouco promova a negação do novo em prol da afirmação de um antigo baseado numa idealização do passado. O apontamento para um futuro melhor deve ser o de um caminho novo, distinto de um “velho novo” que não deu certo, que dialogue constantemente tanto com um conhecimento tradicional, que traz o mérito de um acúmulo de conhecimento, mas, ao mesmo tempo, esteja aberto a experimentações e inovações que sejam balizadas por uma racionalidade crítica. Nega-se, assim, a ideia de um mito do progresso, que vê no novo da ciência necessariamente um caminho inexorável para a evolução e melhoria da vida dos seres humanos.

Em relação às formações discursivas analisadas, só nos foi possível construir a imagem de FD2 a partir dos discursos D1 sobre D2. Por isso, acreditamos que uma próxima etapa do trabalho será analisar o discurso da revolução verde a partir de um *corpus* onde ele apareça “bruto”, ou seja, sem passar pela tradução do seu campo discursivo oposto. Esse discurso bruto pode aparecer, por exemplo, em propagandas de empresas ligadas ao agronegócio, a insumos agrícolas ou sementes transgênicas.

Referências

BARROS, J. A. Os tempos da história: do tempo mítico às representações historiográficas do século XIX. **Revista Crítica Histórica**, ano I, n. 2, p. 180-208, 2010.

BENOIST, A. Uma Breve História da Idéia de Progresso. **LegioVictrix**. Disponível em: <<http://legio-victrix.blogspot.com.br/2011/08/uma-breve-historia-da-ideia-de.html>>. Acesso em: 01 ago. 2013.

CAPORAL, F. R., COSTABEBER, J. A. Agroecologia. Enfoque científico e estratégico. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v.3, n.2, p.13-16, 2002. CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

DIEGUES, A. C. S. **Etnoconservação**: novos rumos para a conservação da natureza. São Paulo: Hucitec, 2000.

DURKHEIM, E. **As Formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2000. FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GREGOLIN, M. Formação Discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidade. Texto apresentado no **II Seminário de Análise do Discurso (SEAD)**, Porto Alegre, UFRGS, 2005.

LEFF, E. **Ecologia, capital e cultura**: a territorialização da racionalidade ambiental. Petrópolis: Vozes, 2009.

MAINGUENEAU, D. **Discours et analyse du discours**. Paris: Armand Colin, 2014.

_____. Gênese dos discursos. São Paulo: Parábola Editorial, 1984. MOREIRA, R. J. Críticas ambientalistas à revolução verde. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 15, Rio de Janeiro, 2000.

MOSCOVICI, S. **Natureza**: para pensar a ecologia. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Gaia, 2007.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2005.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1995.

SOUZA, A. M. O paradigma do tempo presente: limites ao discurso jurídico em torno da problemática ambiental. **Anais do II Congresso Internacional Transdisciplinar Ambiente e Direito**. Porto Alegre: PUC-RS, p. __, 2005.

Priscila Muniz de Medeiros

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Curriculo Lattes: lattes.cnpq.br/5757752956884154